



Figura 6. O *anikao* que representa o “sorriso” e um exemplo de *animé*. Adaptado de ‘A Guide to Anime Emoticons – and why they’re getting popular’

A figura do cartão virtual escolhida pela aluna é um tanto sugestiva, um anjo com olhos “orientais” e asas, retomando a idéia da partida. Ainda assim, não há dúvidas de que a ilustração do cartão virtual configurou um elemento coadjuvante nas produções das alunas Hea Jung, 10 e Soo Jin, 10, servindo apenas como elemento decorativo. Esse não será o caso do cartão virtual de Hyun Ae, 9.



Figura 7 – Cartão virtual de Hyun Ae, 9 anos

Hyun Ae, 9, era tímida e pouco interagiu com as outras crianças, falantes de português ou não. Seu contato com a LP se restringia à exposição durante as aulas e a algumas horas de aula particular por semana, além do contato com as professoras. Mais uma vez, o insumo compreendido era limitado, dificultando a expansão do vocabulário. Ainda que a aluna não tivesse a mesma intimidade com o computador como as outras alunas, os resultados obtidos foram igualmente interessantes.

A aluna pronunciava corretamente “professora”, de modo que o uso do “f” em “*professora*” deve ser indício de outro fenômeno. Ao contrário da tradicional oposição sonora/surda que costuma ocorrer com a criança em fase de aquisição da escrita, principalmente quando sussurra a palavra consigo mesma (CAGLIARI, 2003), a troca da oclusiva bilabial surda [p] pela fricativa lábio-dental surda [f] pode ser justificada pela mudança do ponto de articulação ao sussurrar a palavra, realizando-a como uma fricativa e não como uma oclusiva. Merece destaque a precisão do uso dos “ss”, que, supostamente, seria algo mais “complicado” do ponto de vista ortográfico e um “erro” mais recorrente, sugerindo que a aluna já teve contato anterior com a palavra. Outro

dado ortográfico interessante é a grafia de “cachohinho”. A escolha de “h” para representar o “rr” ortográfico é perfeitamente pertinente. O som deste no português é a da fricativa glotal surda [h], caso de “cachorrinho”, bem como de “marra” e “carro”. A aluna provavelmente notara que o som [h] era representado pela letra “h”¹⁰ em diversos nomes coreanos, concluindo, portanto, que o som [h] de “cachorrinho” deveria obedecer ao mesmo procedimento ortográfico.

O enunciado “cachohinho fofinho ne” fez referência à figura, que não somente serviu de mote para sua produção escrita, mas também potencializou o significado desta, visto que, com seu repertório limitado, não seria possível fazer uma descrição com a mesma riqueza de detalhes que o recurso visual oferecia. O que ocorreu não foi a simples somatória da imagem com o texto, e sim, a multiplicação de sentidos tanto de um recurso quanto de outro.

O uso pragmático de “ne” (“né?”) da sentença anterior aproxima a aluna de sua interlocutora. Enquanto buscava seu apoio, já vislumbrava o enunciado seguinte: “eu tanbem fofinho”. A engenhosa tática criou um efeito cômico através da analogia – inusitada – de si mesma com um filhote de cachorro, designando o adjetivo “fofinho” para ambos. É impossível dizer que foram escolhas lexicais aleatórias que levaram a esse resultado.

A grafia de “tanbem” mostra que a aluna talvez desconhecesse a convenção ortográfica que estabelece “m” antes do “b”. Por outro lado, aponta para a observação atenta da aluna que nunca vira uma palavra terminada com “n” (“hífen”, próton, etc.), elegendo a letra “m” no final da palavra. Mesmo incipiente na LP, Hyun Ae, 9, foi plenamente capaz de empregar conhecimentos cognitivos, interacionais e lingüísticos que garantiram a criação de enunciados extremamente significativos para ela e sua interlocutora

Considerações Finais

Através da perspectiva maior do letramento ideológico, elaboramos uma proposta de letramento digital em que as alunas puderam aplicar estratégias comunicativas, cognitivas e lingüísticas, em oposição às repetitivas cópias desconexas da cartilha. É importante esclarecer que não estamos negando a importância dos exercícios mecânicos de escrita, que se mostraram benéficos até certo ponto – as crianças não apresentaram sérios problemas de segmentação das palavras, por exemplo. Porém, o perigo está em fazer a criança conceber a escrita como sendo apenas isto, desvinculada de práticas sociais ou contextos específicos.

A proposta foi concluída com êxito em razão de uma somatória de fatores. Contribuíram para a comunicação mais desinibida a proteção do meio eletrônico somada à relação que as alunas tinham com a interlocutora – pois sabiam que não seriam “condenadas” por eventuais “erros”. Ademais, foi imprescindível o trabalho com a escrita espontânea que vinha sendo desenvolvido com o grupo até então, desvencilhando-as gradualmente da condição de “alunas copiadoras” e permitindo que fizessem sentido da escrita ao atribuir uma função a ela, podendo, inclusive, fazer uso de artifícios criativos para suprir a falta de itens lexicais e sintáticos da LP.

¹⁰ Por influência da ortografia em inglês (CHOI, op.cit.).

O gênero mensagem virtual legitimou o uso do internetês, linguagem que hibridiza as estruturas complexas da escrita e da oralidade, trazendo para a escrita características da fala e favorecendo uma escrita mais próxima à realidade das alunas, alicerçada no uso da LP em contexto informal – nesse sentido, muito próximo à escrita espontânea. As alunas digitalmente letradas desfrutaram plenamente de sua condição para validar o internetês coreano com seus ícones e artifícios gráficos, subvertendo a formalidade escolar da escrita na língua-alvo. Essa tática está restrita aos que têm acesso à informação, os que não a possuem estarão privados desse tipo de recurso e, conseqüentemente, de seus benefícios (CASTELLS, 2003).

Através do meio virtual, pudemos observar como o limitado repertório lingüístico foi potencializado, resultando em produções escritas que jamais seriam obtidas através da escrita quirográfica convencional. Pudemos, também, acessar diversos espectros culturais que de modo algum teríamos acessado pelo ‘método da cartilha’: a questão do internetês coreano mediante a representação do sinal gráfico (~) e o uso dos *anikaos*, além de uma série de questões culturais inconscientes como a ênfase da expressividade concentrada na área dos olhos e a representação do sorriso como embaraço ou preenchimento de silêncio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete. Introduzindo a Questão dos Aspectos Lingüísticos da Alfabetização. *Boletim da ABRALIN*, n.7, p.29-36, 1986.

_____, Maria Bernadete. The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representations. *European Journal of Psychology of Education*, Aix-en-Provence, v.3, n.4, dec.1988.

ABAURRE, Maria Bernadete; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura T. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil: Mercado de Letras, 1997, 204p.

BRAGA, Denise; RICARTE, Ivan L.M. *Letramento e tecnologia*. Campinas, SP: Cefiel; Unicamp, 2005, 53p.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. 2007. 284 f. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 2000, 191p.

_____. *Alfabetizando sem o ba-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Editora Scipione, 2003, c. 1998, 399p.

CASTELLS, Manuel de. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In:_____. *A Sociedade em Rede. A era da informação: economia, sociedade e cultrura*, 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, Cap. 5, p.413-466.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org). *Por uma outra comunicação- mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, p.255-287.

CHOI, Keum Joa. *Aspectos fonético-fonológicos do português falado por coreanos: evidências de transferências/interferências da língua materna na segunda língua*. 1996. 286 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CORRÊA, Manuel Luiz G. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, n. 45(2), p.205-224, jul./dez. 2006.

D'SOUZA, Sohan. Página Pessoal. A guide to anime emoticons: and why they're getting popular. Apresenta exemplos de *anikaos* e sua relação com *animés*. Disponível em: <<http://www.iit.edu/~jfas/articles/animeemoticons.html>>. Acesso em: 01 nov. 2007.

FAHLMAN, Scott. Página pessoal. Carnegie Mellon University. Smiley Lore :-). Apresenta o histórico da origem do emoticon. Disponível em: <<http://www.cs.cmu.edu/~sef/sefSmiley.htm>>. Acesso em: nov. 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986, 284p.

GASS, Susan M.; SELINKER, Larry. *Second language acquisition: an introductory course*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associate, Inc., Publishers, 1993. 357p.

HINATA, Noemia. *Além das palavras: um aspecto do choque cultural entre brasileiros e japoneses*. Tokyo: Japan International Cultural Exchange Foundation, 1995,

LUKE, Carmen. Cyber-schooling and technological change – multiliteracies for new times. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies – literacy learning and the desing of social futures*. New York: Routledge, 2000, 350p.

POSTER, Mark. Cidadania, mídia digital e globalização. In: MORAES, Dênis de (org). *Por uma outra comunicação- mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003, p..315-336.

SILVA, Ademar da. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Editora Contexto, 1991, 98p.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, 125p.

SONNSENIM (□□□) Korean-English/ English-Korean DICTIONARY. New York: Hippocrene Books, 2007.

STREET, Brian. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. 239p.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez Editora, 2006, 104p.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 2003, p. 93-116.

YUKI, Masaki; MADDUX, William; MASUDA, Takahiko. Are the windows to the soul the same in the East and West? Cultural differences in using the eyes and mouth as cues to recognize emotions in Japan and the United States. *Journal of Experimental Social Psychology*, v.43, p.303-311, mar.2007. Disponível em:<<http://eprints.lib.hokudai.ac.jp/dspace/bitstream/2115/22527/1/JESP43-2.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2007.